

O último suspiro

‘Minha mãe é uma personagem fundamental em minha vida.’

Por PEDRO ALMODÓVAR

QUANDO SAIO à rua, no sábado, percebo que o dia está muito ensolarado. É o primeiro dia de sol sem minha mãe. Por trás dos óculos, eu choro. No decorrer do dia chorarei muitas vezes.

Depois de passar a noite em claro, caminho como um órfão até encontrar um táxi que me leve à capela mortuária.

Embora eu não fosse o tipo de filho que fizesse visitas e agradinhos, minha mãe é uma personagem fundamental em minha vida. Não incluí seu sobrenome em meu nome artístico, como teria sido de seu agrado. “Você se chama Pedro Almodóvar Caballero. Que história é

essa de apenas Almodóvar?”, perguntou uma vez, quase furiosa.

“As pessoas pensam que os filhos são coisa de um dia. Mas são muito mais do que isso. Muito mais”, dizia Federico García Lorca. Tampouco as mães são coisa de um dia. E não precisam fazer nada de especial para ser essenciais, importantes, inesquecíveis, didáticas. As mães pisam sempre em terreno seguro.

Aprendi muito com minha mãe, sem que ela nem eu nos déssemos conta. Aprendi algo essencial para meu trabalho: a diferença entre ficção e realidade, e como a realidade precisa ser complementada pela ficção para tornar a vida mais fácil.

Lembro de minha mãe em todos os momentos de sua vida. O período

mais épico, provavelmente, foi o que passamos num povoado de Badajoz, Orellana la Vieja, ponte entre os dois grandes universos em que vivi antes de ser engolido por Madri: La Mancha e Extremadura.

Ainda que contrarie minhas irmãs com estas lembranças, nesses primeiros passos a situação econômica de nossa família era precária. Minha mãe sempre foi muito criativa, a pessoa com mais iniciativa que já conheci. Em La Mancha se diz: “É capaz de tirar leite de pedra.”

A rua onde morávamos não tinha luz, o chão era de barro, não havia jeito de parecer limpo. Com água virava lama. A rua ficava nos arredores do povoado, em um terreno pedregoso.

Viver ali era difícil porém barato. E, além disso, nossos vizinhos eram pessoas maravilhosas e muito hospitaleiras. E também analfabetas.

Para complementar o salário de meu pai, mamãe começou a trabalhar como leitora e escrevedora de cartas, como a personagem no filme *Central do Brasil*. Com 8 anos, eu em geral escrevia as cartas e ela lia as que nossos vizinhos recebiam. Muitas vezes eu prestava atenção no texto que minha mãe lia e ficava admirado ao perceber que não correspondia exatamente ao que estava no papel: parte dele mamãe inventava. As vizinhas nem tomavam conhecimento disso, porque o inventado nada mais era do que uma prolongação de suas vidas, e ficavam encantadas com a leitura.

Depois de comprovar que minha mãe nunca se atinha ao texto original, um dia, a caminho de casa, censurei-a:

– Por que leu para ela que se lembra muito da avó e sente saudade do tempo em que ela a penteava na porta da rua? A carta nem sequer menciona a avó – disse-lhe eu.

– Mas você viu como ela ficou alegre! – respondeu-me ela.

Tinha razão. Minha mãe preenchia os vazios das cartas. Lia para as vizinhas o que elas queriam ouvir, às vezes detalhes que provavelmente o autor tinha esquecido e com os quais concordaria.

ESSES IMPROVISOS continham uma grande lição para mim. Estabeleciam a diferença entre ficção e realidade, e o quanto a realidade precisa da ficção para ser completa, mais agradável, mais fácil de se viver.

Minha mãe despediu-se desse mundo como desejara. E não foi por acaso. Ela havia decidido assim. Hoje mesmo, no velório, confirmei esse fato. Há 20 anos mamãe disse à minha irmã mais velha, Antonia, que havia chegado o momento de preparar a mortalha.

Fomos à Rua de Postas, conta-me minha irmã diante do cadáver amortalhado de minha mãe, para comprar o hábito marrom de Santo Antônio e o cordão. Mamãe também lhe disse que queria a insígnia do mesmo santo presa no peito. E os escapulários de Nossa Senhora das

Dores. E a medalha de São Isidro. E um terço entre as mãos. Um dos antigos, especificou ela; os melhores guardem com vocês (incluía minha irmã María Jesús). Também compraram uma espécie de mantilha negra para cobrir a cabeça e que agora lhe chega à cintura.

Perguntei à minha irmã o significado da mantilha. Antigamente as viúvas usavam um manto de renda negra fechada, para expressar a dor e a perda. À medida que o tempo passava e o pesar diminuía, ia-se encurtando o manto. À princípio lhes alcançava quase a cintura e, ao fim do luto, chegava-lhes só até os ombros. Esta explicação me fez concluir que minha mãe queria ir-se vestida de viúva.

Faz 20 anos que meu pai morreu, mas, naturalmente, não houve outro homem nem outro marido para ela. Também recomendou que estivesse descalça, sem meias nem sapatos. Se me amarrarem os pés, disse ela à minha irmã, trate de desatá-los ao colocar-me na sepultura. Aonde vou tenho de entrar bem depressa.

Pedi também missa completa e não apenas o responsório.

Assim fizemos e o povo todo da região (Calle de Calatrava) veio para nos dar a *cabezada*, que é como ali se chamam os pêsames.

Minha mãe haveria de ficar satisfeita com a quantidade de flores que havia no altar e com a presença do povoado inteiro. “Todo o povo compareceu” – é o máximo de prestígio nesse tipo de solenidade.

Ela também teria ficado orgulhosa do papel de perfeitos anfitriões que meus irmãos – Antonia, María Jesús e Agustín – fizeram, tanto em Madri quanto em Calzada.

Quanto a mim, limitei-me a deixar que me arrastassem, tendo o olhar embaçado e tudo desfocado ao meu redor. Apesar das viagens de divulgação em que vivo, por felicidade eu estava em Madri e a seu lado.

Os quatro filhos sempre estiveram com ela. Duas horas antes de “tudo” acontecer, Agus-

tín e eu entramos para vê-la na meia hora de visita permitida na UTI, enquanto minhas irmãs aguardavam na sala de espera.

Mamãe estava dormindo. Nós a despertamos. O sonho devia ser muito prazeroso e tão absorvente que não a abandonou, ainda que falasse conosco de maneira coerente. Quis saber se caía um temporal nesse momento e lhe dissemos que não. Perguntamos-lhe como se sentia e nos disse que muito bem. A meu irmão Agustín perguntou pelos netos, que acabavam de chegar de férias.

‘De pouco valerá esta comida para o meu corpo’, disse mamãe. Achei esse comentário bonito e, ao mesmo tempo, estranho.

Agustín respondeu que passaria o fim de semana com eles e que almoçariam juntos. Mamãe quis saber se já havia comprado a comida e ele respondeu que sim. Comentei que dali a dois dias teria de ir à Itália, mas que, se ela quisesse, eu ficaria em Madri. Disse-me que fosse e fizesse tudo que tinha para fazer. Com relação a viagens, preocupava-se era com os filhos de Tinín. E as crianças? Com quem ficam?, perguntou.

Tinín disse-lhe que não viria comigo, ele ficava. Isso pareceu lhe agradar.

Veio uma enfermeira que, além de nos dizer que o tempo da visita tinha terminado, avisou à minha

mãe que lhe traria o almoço. “De pouco valerá esta comida para meu corpo”, disse mamãe.

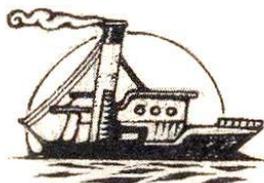
Achei o comentário bonito e ao mesmo tempo estranho.

Três horas depois, ela morria.

De tudo que disse nessa última visita, o que ficou gravado em minha memória foi o momento em que perguntou se caía um temporal. Sexta-feira foi um dia ensolarado e, pela janela, entrava um pouco de luz. A que temporal se referia minha mãe em seu último sonho?

“*Tudo sobre minha mãe*”, filme do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, foi premiado este ano com o Oscar de melhor filme estrangeiro.

SURPRESAS NÁUTICAS



Nosso barco estava ancorado próximo a um iate a vela quando aproveitei para perguntar ao capitão por que seu barco se chamava *Más Notícias*.

– Eu adoro correr com meu veleiro – ele explicou. – E, como todos sabem, as más notícias correm depressa!

–LORNA WATSON, *Canadá*

Ao sair de barco, um amigo meu ligou o rádio para ouvir o boletim meteorológico. Houve uma pausa na transmissão e ouviu-se um ruído de papéis, seguido de uma voz, que dizia:

– Peço desculpas aos senhores ouvintes, mas não consigo encontrar a previsão meteorológica. Pela janela, porém, vejo que está um maravilhoso dia de sol.

–A. LOCKETT, *Reino Unido*

Depois de comprarem uma cabana num local a que só tem acesso por barco, meu filho e seu pai levaram o cais que tinham construído para a água. Cada qual em seu barquinho, eles rebocavam o cais flutuante para o lugar definitivo quando o comandante de um grande iate pelo qual passaram gritou:

– Ei! Esqueceram de soltar os barcos!

–LEOLEA MCCLOY, *Canadá*